

A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Thalia Nayara Alves Barbosa¹
Jessica Priscila Garcia de Souza²

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso investigou a contribuição da música no processo de aprendizagem lúdica na Educação Infantil, considerando sua importância para o desenvolvimento integral das crianças. O estudo teve como objetivo analisar de que maneira a música, integrada às práticas lúdicas, favorece o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor, além de identificar seus benefícios, compreender como o brincar musical facilita a aprendizagem e verificar práticas pedagógicas que utilizam a música como recurso educativo. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, utilizando observações sistemáticas registradas em diário de campo e entrevista semiestruturada com a professora da turma analisada. Os resultados indicaram que a música desempenhou papel central na organização da rotina, no acolhimento das crianças, na ampliação da socialização, no estímulo à criatividade, na melhora da atenção e memória, na regulação emocional e na promoção de movimentos corporais coordenados. Constatou-se que as práticas musicais proporcionaram aprendizagens mais significativas, fortaleceram vínculos, ampliaram a participação e contribuíram para o desenvolvimento integral das crianças. Conclui-se que a música, quando utilizada de forma intencional e articulada à ludicidade, constitui uma linguagem estruturante na Educação Infantil e um recurso pedagógico essencial para enriquecer experiências e potencializar a aprendizagem.

Palavras-chave: Música; Ludicidade; Educação Infantil; Desenvolvimento Infantil; Aprendizagem.

ABSTRACT

This Final Paper investigated the contribution of music to playful learning in Early Childhood Education, considering its relevance to children's integral development. The study aimed to analyze how music, when integrated into play-based activities, supports cognitive, emotional, social, and motor development, as well as to identify its benefits, understand how musical play facilitates learning, and verify pedagogical practices that use music as an educational resource. This qualitative research was conducted through a literature review and field study, using systematic observations recorded in a field journal and a semi-structured interview with the class teacher. The results showed that music played a central role in organizing routines, welcoming children, enhancing socialization, stimulating creativity, improving attention and memory, supporting emotional regulation, and promoting coordinated body movements. The findings revealed that musical activities provided more meaningful learning, strengthened bonds, increased participation, and contributed to children's holistic development. It is concluded that music, when intentionally integrated with playful practices, constitutes a

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia; Campus Agreste, Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE). Email: thalia.nayara@ufpe.br

² Profa. Me. Orientadora - Curso de Pedagogia, Núcleo de Formação Docente (NFD) do Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco. (CAA-UFPE). Email: jessica.priscila@ufpe.br

structuring language in Early Childhood Education and an essential pedagogical tool to enrich experiences and enhance learning.

Keywords: Music; Playfulness; Early Childhood Education; Child Development; Learning

DATA DE APROVAÇÃO: 15 de Dezembro de 2025

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui a base da formação do indivíduo, proporcionando experiências significativas que favorecem o desenvolvimento integral das crianças. Nesse contexto, a música se apresenta como um recurso pedagógico de grande relevância, pois, além de despertar a sensibilidade e a criatividade, contribui para a socialização, a expressão emocional, a coordenação motora e o desenvolvimento da linguagem. A ludicidade, por sua vez, representa um aspecto essencial na prática pedagógica com crianças pequenas, possibilitando que a aprendizagem ocorra de forma prazerosa, espontânea e significativa.

A utilização da música aliada ao lúdico potencializa o processo de ensino, tornando as atividades mais atrativas e facilitando a assimilação de conteúdos de maneira natural. Assim, compreender a contribuição da música no processo de aprendizagem lúdica é fundamental para o aprimoramento das práticas pedagógicas, possibilitando ao professor utilizar recursos que atendam às necessidades e especificidades da infância.

[...] A música, além de suas próprias atribuições, sociabiliza e sensibiliza o indivíduo, desenvolve o seu poder de concentração e raciocínio, tão importante em todas as fases de nossas vidas. Auxilia, ainda, na coordenação neuromotora e na parte fonoaudiológica da criança (PIAGET, 1996, p.34).

A escolha deste tema se justifica pela importância da música e da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, embora seja reconhecida a relevância de práticas que envolvem o lúdico, muitos professores ainda enfrentam dificuldades em integrar a música de forma sistematizada em suas atividades pedagógicas. Estudar essa temática possibilita compreender como a música pode ser utilizada de modo intencional e pedagógico, favorecendo a aprendizagem de conteúdos e estimulando diversas áreas do desenvolvimento infantil, contribuindo também para a valorização de práticas inovadoras que

aproximam a criança do conhecimento de maneira criativa e divertida, respeitando seu tempo, seus interesses e sua individualidade.

Diante dessa realidade, surge a seguinte questão: de que maneiras a música contribui para o processo de aprendizagem lúdica na Educação Infantil?

Com o intuito de responder a essa indagação, este trabalho tem como objetivo geral: analisar a contribuição da música no processo de aprendizagem lúdica, buscando ainda com objetivos específicos: 1. Identificar seus benefícios no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças; 2. Investigar de que forma a ludicidade por meio da música pode facilitar a aprendizagem e, 3. Verificar práticas pedagógicas que utilizam a música como recurso educativo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo demonstra que tanto a música quanto o brincar são dimensões essenciais na Educação Infantil. A música desempenha um papel enquanto linguagem cultural e estética, contribui para o desenvolvimento integral, promovendo criatividade, expressão emocional, socialização e aprendizagem. Ferraz e Fusari (2009) afirmam que a música, como linguagem artística, possibilita o desenvolvimento da percepção, apreciação e criação, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e sensíveis à cultura.

De modo que a ludicidade também é reconhecida como uma prática fundamental da infância e estratégia pedagógica indispensável para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Vygotsky (2009) enfatiza que a imaginação infantil é a base da criação e está diretamente ligada ao desenvolvimento cognitivo e social. Para o autor, a arte, incluindo a música, é um meio fundamental de expressão e formação psicológica da criança.

Dessa forma, a junção entre música e ludicidade fortalece os processos de aprendizagem que firmam a integralidade da criança, valorizando ainda mais suas expressões, criatividade e autonomia. Essas perspectivas fundamentam a questão central deste trabalho, compreender como a música pode contribuir para a aprendizagem lúdica na educação infantil, reforçando a necessidade e importância de novas práticas pedagógicas intencionais e planejadas pelo professor.

2.1 A MÚSICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música tem um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, sendo reconhecida como uma das linguagens essenciais na Educação Infantil, tendo um papel profundamente transformador, pois dialoga diretamente com o modo como as crianças percebem o mundo, exploram suas emoções e constroem significados. Desde bebês, as crianças respondem naturalmente aos sons, aos ritmos e as melodias que ouvem diariamente, e essa conexão espontânea revela um grande potencial da música como uma linguagem e como um meio de aprendizagem.

“Quando emite sons vocais, em movimentos sonoros ascendentes ou descendentes, o bebê não busca uma afinação coerente com o repertório dos sons de sua cultura: ele explora as qualidades desse gesto e vai, à medida que exercita, descobrindo e aplicando novas possibilidades para seu exercício. (Brito, p.41, 2003).

A BNCC (Brasil, 2019) destaca que as práticas musicais contribuem para a ampliação das formas de expressão, para a construção da identidade cultural e para o desenvolvimento de competências socioemocionais, cognitivas e motoras. Isso significa que ao cantar, ouvir, criar sons ou participar de atividades musicais, as crianças exploram o mundo ao seu redor e constroem significados e sentidos a partir de cada experiências sensoriais e afetivas. Teca Alencar de Brito (2003) aprofunda essa perspectiva ao destacar que a música na educação infantil precisa ser vivenciada de forma sensível e integrada ao cotidiano escolar.

Obviamente, respeitar o processo de desenvolvimento da expressão musical infantil não deve se confundir com a ausência de intervenções educativas. Nesse sentido, o professor deve atuar - sempre - como animador, estimulador, provedor de informações e vivências que irão enriquecer e ampliar a experiência e o conhecimento das crianças, não apenas do ponto de vista musical, mas integralmente, o que deve ser o objetivo prioritário de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa da educação infantil. (Brito, p.45, 2003)

Para a autora, quando a música está presente no ambiente educativo com intencionalidade dos próprios professores, ela contribui para a formação integral, respeitando o tempo e as particularidades de cada criança. Além disso, Penna (2013) reforça que a música oferece oportunidades únicas de experimentos e criações, segundo ela, a experiência musical na escola deve possibilitar que as crianças brinquem com sons, explorem ritmos e desenvolvam um olhar sensível sobre o mundo.

Gainza (2002) destaca que o contato com a música favorece habilidades cognitivas essenciais, como atenção, memória e imaginação.

Por meio de atividades que envolvam a música, a criança poderá experimentar o prazer, a criatividade, a expressão e a sensibilização fundamentais para seu processo educativo. Quando bem trabalhada, por suas próprias características enquanto linguagem e modo de expressão, a música favorece a construção do conhecimento, a autonomia e a expressão da aprendizagem, por meio do fazer artístico. (Gainza, p.136, 2002)

Desta forma, compreende-se que a música na Educação Infantil assume um papel formativo essencial, pois atua tanto no campo da sensibilidade quanto no desenvolvimento cognitivo social, e ao vivenciar experiências musicais, a criança amplia suas formas de perceber e interpretar o mundo, fortalecendo sua autonomia e sua capacidade de comunicação e expressão. Ao participar de rodas musicais, brincar com instrumentos ou experimentar diferentes sons, as crianças desenvolvem uma certa curiosidade e ficam ainda mais expressivas, fortalecendo vínculos afetivos e ampliando a autoconfiança para se comunicar e relacionar-se com os outros.

Diante disso, torna-se evidente que a presença da música na Educação Infantil não deve ser eventual ou meramente recreativa, pois, quando integrada ao currículo com sensibilidade, intencionalidade e planejamento correto, ela transforma o ambiente escolar em um espaço acolhedor, despertando emoções, promovendo aprendizagens significativas e contribuindo para a formação das crianças, de uma forma leve e que tenha o interesse de aprender ainda mais. A música não apenas ensina, ela é uma ponte entre o sentir e o aprender, sendo justamente nesses encontros que residem as maiores contribuições para o desenvolvimento humano.

2.2 A LUDICIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO

A ludicidade se destaca como um dos pilares fundamentais na Educação Infantil, pois representa muito mais do que um simples momento recreativo: trata-se de uma experiência social, cultural e afetiva que atravessa a infância e possibilita aprendizagens profundas e significativas. Nesse sentido, o brincar assume um papel pedagógico e humanizador, contribuindo para que a criança compreenda o mundo e a si mesmo por meio de interações, de suas imaginações e do movimento. Kishimoto (2017) afirma que o brincar constitui uma linguagem natural da criança e que, através dele, ela constrói significados e desenvolve múltiplas formas de conseguir mostrar suas expressões.

“Tais jogos, embora recebam a mesma denominação, têm suas especificidades. Por exemplo, no faz de conta, há forte presença da situação

imaginária; no jogo de xadrez, regras padronizadas permitem a movimentação das peças. Brincar na areia, sentir o prazer de fazê-la escorrer pelas mãos, encher e esvaziar copinhos com areia requer a satisfação da manipulação do objeto. Já a construção de um barquinho exige não só a representação mental do objeto a ser construído, mas também a habilidade manual para operacionalizá-lo.” (Kishimoto, p.11, 2017)

Assim, o brincar não deve ser visto como pausa na aprendizagem, mas como um método centrado no desenvolvimento infantil. Essa compreensão articula também as perspectivas de Piaget, que analisa o brincar como uma atividade ligada às fases do desenvolvimento cognitivo. O jogo é uma forma pela qual a criança assimila o mundo e começa a organizar as suas experiências, aprendendo a cumprir regras, ampliando a sua autonomia e fortalecendo ainda mais o seu pensamento. Piaget (1975) destaca que “o jogo é o trabalho da criança e reflete as estruturas mentais em evolução” (p.93), evidenciando que, ao brincar a criança cria hipóteses, começa, erra e recomeça, assim, com esse processo ela aprende. O brincar não é mero passatempo, mas momentos de expressão do raciocínio em construção, o que ressalta a importância de espaços escolares que favorecem a curiosidade da criança, fazendo com que elas explorem ainda mais o desconhecido e aumentem a sua criatividade.

Vygotsky apresenta outra perspectiva essencial ao discutir o papel do imaginário e da interação social nas brincadeiras, pois, para ele, é na relação com o outro que a criança amplia suas capacidades cognitivas e afetivas (Vygotsky, 1998). Em sua obra, o autor afirma que “no brincar, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual da sua idade [...] é como se ela fosse maior do que a realidade” (Vygotsky, p.122, 1998). Isso significa que, ao brincar, a criança atua em situações que vão além de suas experiências imediatas e exercita a autonomia, linguagens e o pensamento, assim, a ludicidade torna-se ponte entre o real e o imaginário, permitindo a criança experimentar papéis sociais, conseguindo também negociar regras e expressar ainda mais suas emoções.

No campo da Educação Infantil, Fortuna (2000) reforça que brincar é uma maneira de estar e existir no mundo, compreendendo o lúdico como experiência que ultrapassa a sala de aula e atravessa relações, espaços e tempos da infância. É por meio da ludicidade que a criança expressa sentimentos, formula perguntas, cria hipóteses e desenvolve confiança em si mesma e no outro. Já Horn (2004) destaca que os brinquedos e brincadeiras na escola devem ser planejados intencionalmente, respeitando os interesses e os ritmos das crianças, pois são ferramentas fundamentais para promover o desenvolvimento integral, e dessa forma, o

professor, ao compreender o valor pedagógico do brincar, deixa de enxergá-lo como “tempo livre” e passa a considerá-lo parte constitutiva do currículo e da formação infantil.

Além disso, Brougère (1998) afirma que o brinquedo carrega significados construídos socialmente, sendo resultados de práticas culturais que as crianças reinterpretam em suas brincadeiras. Nesse sentido, brincar é um ato cultural, pois envolve valores, tradições, gestos e linguagens socialmente compartilhados, dessa forma, as experiências lúdicas possibilitam a criança participar da cultura a que pertence, ao mesmo tempo em que contribui para transformar e ressignificar conforme a vivências de cada criança.

A imaginação, portanto, não é fuga da realidade, mas modo de elaborá-la e reinventá-la, permitindo aprendizagens mais profundas, pessoais e significativas, portanto, compreende-se que a ludicidade não é um acréscimo ao processo educativo, mas parte essencial e indispensável da infância. Quando o professor valoriza o brincar e o incorpora de forma intencional ao currículo, promove não apenas o aprendizado de conteúdos escolares, mas também o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e cultural das crianças, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, sensíveis, criativos e capazes de atuar no mundo com uma grande autonomia.

2.3 A MÚSICA COMO LINGUAGEM ESTÉTICA, CULTURAL E FORMADORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música, entendida como uma linguagem estética e cultural, ocupa um lugar central no desenvolvimento infantil e constitui um dos meios mais completos de expressão humana. Na Educação Infantil, essa linguagem se manifesta de forma espontânea, integrada ao cotidiano e profundamente conectada ao modo como as crianças percebem e interagem com o mundo. Ferraz e Fusari (2009) afirmam que a música, enquanto manifestação artística, é capaz de estruturar percepções, sensibilidades e modos de agir, pois atua sobre dimensões corporais, culturais e cognitivas do sujeito. Segundo os autores, a arte na escola, incluindo a música, deve ser compreendida como linguagem que “favorece a formação estética e amplia a experiência cultural dos sujeitos” (Ferraz; Fusari, 2009). Nessa mesma direção, Brito (2003) reforça que a música é vivenciada desde a primeira infância como forma de comunicação e de expressão integral, articulando aspectos emocionais, sociais e sensoriais. A autora destaca que “a musicalidade nasce com a criança e se desenvolve conforme ela interage com os sons, com o corpo e com o outro” (Brito, 2003), o que evidencia a profundidade estética dessa linguagem.

Nesse sentido, a música também se apresenta como componente constitutivo da cultura infantil, pois está intimamente ligada às práticas simbólicas que estruturam o brincar e os modos de aprender da criança. Brougère (1998) esclarece que a infância se apropria do mundo por meio de repertórios culturais compartilhados, como brincadeiras, narrativas e cantigas, e que tais elementos constituem sistemas simbólicos que organizam a experiência infantil. Para o autor, o brincar e a cultura lúdica são expressões que revelam a forma como as crianças interpretam a realidade. Kishimoto (2017) e Horn (2004) ampliam essa compreensão ao argumentarem que música e ludicidade emergem das interações sociais e possibilitam que a criança atribua sentidos ao cotidiano. Kishimoto (2017) enfatiza que o brincar é uma linguagem natural da infância, e quando associado à música, intensifica processos de imaginação, simbolização e expressão, pois o jogo musical permite que a criança recrie experiências de seu universo cultural. Horn (2004), por sua vez, observa que os brinquedos e as brincadeiras são práticas que favorecem a interação e o desenvolvimento, sendo a música um elemento recorrente nesse processo, já que organiza ritmos, movimentos e formas de participação coletiva. Assim, a música se insere como forma cultural vivida e compartilhada entre crianças, famílias, comunidades e instituições educativas.

A formação estética na infância, portanto, não pode ser compreendida sem considerar o papel da música na construção da identidade e da sensibilidade. Penna (2013) contribui diretamente para essa discussão ao afirmar que a música participa da constituição do sujeito, promovendo a ampliação da percepção, da afetividade e da criatividade. Para a autora, a experiência musical é formativa porque envolve escolhas, significados e repertórios culturais que influenciam o modo como a criança se expressa no mundo. Esse entendimento dialoga com a perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a música como conteúdo integrante do campo de experiência “Traços, Sons, Cores e Formas”, afirmando que as práticas musicais favorecem a construção da identidade, da comunicação e da sensibilidade estética. Segundo o documento, “as crianças devem ter oportunidades de explorar sons, composições e movimentos, desenvolvendo formas de expressão cultural e artística” (Brasil, 2019), o que reafirma a centralidade da música na formação integral e na diversidade de experiências infantis.

Além de sua dimensão estética e cultural, a música desempenha papel significativo no desenvolvimento cognitivo e expressivo. Gainza (2002) oferece uma perspectiva psicopedagógica aprofundada ao argumentar que a experiência musical integra emoção, corpo, pensamento e simbolização. Para a autora, a música constitui um espaço privilegiado

de aprendizagem global, pois articula percepção, memória, imaginação e coordenação motora. Em uma de suas reflexões mais importantes, Gainza explica que:

“A atividade musical estimula a criatividade, a sensibilidade estética, a imaginação e o pensamento, ao mesmo tempo em que exige disciplina, atenção e coordenação. Por suas próprias características enquanto linguagem e modo de expressão, a música favorece a construção do conhecimento, a autonomia e a expressão da aprendizagem, por meio do fazer artístico” (GAINZA, 2002, p. 136).

Essa compreensão encontra ressonância em Piaget (1975), que associa o desenvolvimento simbólico à repetição de ritmos, melodias e movimentos, indicando que a música contribui para a construção das estruturas mentais em formação. Para Piaget, o jogo simbólico, frequentemente presente nas práticas musicais, favorece a imitação, a representação e a capacidade de organizar sequências, elementos essenciais para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Paralelamente, estudos atuais reforçam a importância da música como prática pedagógica intencional na Educação Infantil. Carvalho (2023) demonstra que atividades que combinam música e movimento ampliam a participação infantil, estimulam a criatividade e favorecem aprendizagens mais significativas, especialmente quando vinculadas ao cotidiano da criança. Já Peixoto e Bertoncello (2024) destacam que a música, quando utilizada de forma planejada, fortalece vínculos, promove a socialização, desenvolve a coordenação motora e contribui para aprendizagens que envolvem linguagem, ritmo, memória e sequências lógicas. As autoras defendem que a música não deve ser tratada apenas como entretenimento, mas como recurso pedagógico potente, capaz de promover experiências integradoras que atuam nas dimensões emocionais, cognitivas e expressivas. Esses achados contemporâneos reforçam a atualidade do tema e evidenciam sua relevância no debate educacional.

Embora a música seja amplamente reconhecida por sua potência pedagógica, algumas abordagens ainda subestimam sua complexidade, reduzindo-a a atividades recreativas ou ao mero preenchimento de tempo na rotina escolar. Fortuna (2000) e Horn (2004) problematizam essa visão ao enfatizar que a ludicidade, da qual a música frequentemente faz parte, não deve ser vista como um acréscimo, mas como eixo estruturante da prática pedagógica. Para as autoras, tratar a música apenas como fundo sonoro é negligenciar seu caráter formador, expressivo e cultural. Além disso, no contexto contemporâneo, marcado pela crescente presença da tecnologia, Alvarenga e Araújo (2022) lembram que práticas artísticas e musicais permanecem essenciais para o desenvolvimento humano, pois fortalecem dimensões afetivas

e sociais frequentemente fragilizadas em um mundo digitalizado. Se as tecnologias ampliam possibilidades, é preciso reconhecer que a música preserva sua função humanizadora, aproximando crianças de experiências sensíveis, coletivas e criativas fundamentais à formação integral.

Dessa forma, a música se consolida como linguagem estética, cultural e formadora na Educação Infantil por integrar múltiplas dimensões da experiência humana, corpo, emoção, cognição e sociabilidade, e por possibilitar que a criança construa significados, desenvolva sensibilidade e amplie sua percepção do mundo. Ao dialogar com o repertório cultural infantil e com práticas pedagógicas intencionais, a música contribui diretamente para a construção da identidade, para o desenvolvimento de habilidades expressivas e para a formação de sujeitos sensíveis e criativos, mostrando-se essencial para compreender as relações entre música, ludicidade e aprendizagem que estruturam o problema de pesquisa deste estudo.

2.4 A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A RELAÇÃO ENTRE IMAGINAÇÃO, ARTE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A Psicologia Histórico-Cultural, especialmente a partir das contribuições de Lev Vygotsky, oferece bases fundamentais para compreender como a imaginação, a criação e as manifestações artísticas, entre elas a música, participam ativamente da formação psíquica das crianças. Para Vygotsky (2009), a imaginação não é um adorno da infância, mas um processo psicológico superior que se desenvolve nas interações sociais, constituindo-se como meio para que a criança produza significados, amplie sua linguagem e exerça formas complexas de pensamento. Nesse sentido, a música, assim como o brincar simbólico, integra um conjunto de atividades culturais que favorecem o desenvolvimento humano ao possibilitar que a criança transite entre o real e o imaginário de maneira criativa e socialmente mediada (Vygotsky, 1998).

Ao abordar a relação entre imaginação e criação, Vygotsky (2009) destaca que a criança utiliza elementos da realidade para reinventá-los em um plano simbólico, processo diretamente observado nas brincadeiras, nas narrativas, nos jogos de faz de conta e também nas experiências musicais. É nesse momento que se insere a ideia de que a imaginação é uma atividade profundamente enraizada na experiência social da infância, o que dialoga diretamente com a música, já que esta envolve expressões corporais, emocionais e comunicativas. Vygotsky descreve esse movimento afirmando que:

“A imaginação não surge do nada nem é uma atividade desvinculada da vida; ao contrário, ela se constrói a partir das experiências vividas e das relações estabelecidas com o meio. Quando a criança imagina, reorganiza

elementos da realidade e cria novas combinações, novas possibilidades de ação e novos sentidos para aquilo que vive. Por isso, a imaginação é um processo essencial para o desenvolvimento, pois permite à criança ultrapassar os limites da situação imediata e operar no plano simbólico.” (Vygotsky, 2009, p. 18)

Esse entendimento reforça que a música não deve ser reduzida a um recurso recreativo, pois ocupa lugar central no processo de significação, sendo capaz de suscitar emoções, provocar construções imaginativas e favorecer a emergência de funções psicológicas superiores, como memória, atenção e linguagem (Vygotsky, 1998). A perspectiva histórico-cultural dialoga também com Piaget (1975), que reconhece a importância da atividade simbólica e da imitação, elementos essenciais da experiência musical, para a constituição das estruturas cognitivas infantis. Piaget (1975) explica que o uso de sons, ritmos e gestos contribui para o desenvolvimento do pensamento representacional, dentro de uma lógica interna que se transforma conforme o avanço das capacidades mentais da criança.

Além do núcleo teórico de Vygotsky e Piaget, autores como Brito (2003) e Gainza (2002) reforçam que a arte, em especial a música, exerce papel formativo, emocional e cognitivo no desenvolvimento infantil. Brito (2003) enfatiza que as experiências estéticas provocam deslocamentos internos, convidando a criança a experimentar sensações, significados e formas de expressão que ultrapassam a racionalidade imediata. Já Gainza (2002) argumenta que a atividade musical integra emoção e pensamento, sendo “uma experiência que mobiliza processos cognitivos ao mesmo tempo em que envolve sensibilidade, corpo e imaginação”. Essa visão converge com Ferraz e Fusari (2009), que compreendem a arte como linguagem cultural que forma sujeitos e amplia repertórios simbólicos, permitindo à criança inserir-se no mundo social de modo mais expressivo e consciente.

Nessa perspectiva, torna-se essencial compreender que a música também amplia funções psicológicas superiores, conforme proposto por Vygotsky (1998). Quando a criança participa de rodas musicais, canta, imita sons, experimenta ritmos e se envolve em atividades de criação sonora, ela vivencia situações que requerem atenção, autocontrole, antecipação, memória e linguagem interior. Esses processos não ocorrem de maneira isolada, mas mediados por relações sociais e práticas culturais, fortalecendo o que o autor descreve como desenvolvimento superior do pensamento. Paralelamente, Piaget (1975) aponta que a repetição de padrões sonoros e a construção de significados musicais dialogam com os esquemas mentais em formação, contribuindo para o avanço das estruturas simbólicas e lógicas da criança.

O papel do professor, nessa abordagem, assume relevância especial. A BNCC (Brasil, 2019) orienta que o docente deve organizar ambientes que favoreçam experiências sensoriais, expressivas e criativas, o que inclui práticas musicais que dialogam com os interesses e ritmos de cada criança. Horn (2004) reforça esse posicionamento ao afirmar que a organização dos espaços na Educação Infantil deve promover explorações sonoras, permitindo que as crianças descubram timbres, ritmos e possibilidades expressivas. De modo complementar, Fortuna (2000) explica que o adulto é fundamental na criação de contextos de imaginação, uma vez que atua como mediador que amplia o potencial criativo e simbólico presente na infância.

A relação entre imaginação, ludicidade e música também é destacada por autores como Kishimoto (2017) e Brougère (1998), que discutem o brincar como prática cultural, social e simbólica. Para Kishimoto (2017), o brincar permite à criança construir sentidos sobre o mundo, desenvolvendo autonomia e criatividade, aspectos igualmente presentes na prática musical. Brougère (1998) afirma que a ludicidade é uma construção cultural, marcada por trocas sociais e linguagens compartilhadas, o que torna a música um campo fértil de expressão e comunicação entre crianças. Pesquisas contemporâneas também reforçam essa perspectiva: Carvalho (2023) e Peixoto e Bertoncello (2024) mostram que atividades que articulam música e brincadeira promovem aprendizagens mais significativas, pois mobilizam emoção, corpo, imaginação e interação social.

Por fim, compreender a música como prática social implica reconhecer seu poder de transformar relações e promover processos de desenvolvimento infantil situados culturalmente. Brito (2003) destaca que a música integra corpo, emoção, linguagem e pensamento, permitindo que a criança construa sentidos e pertença cultural. Gainza (2002) complementa ao afirmar que a experiência musical sintetiza cognição e afetividade, revelando-se essencial para o desenvolvimento integral. Assim, a partir da psicologia histórico-cultural, pode-se entender que a música, articulada à imaginação e ao brincar, constitui potente mediadora das aprendizagens e do desenvolvimento infantil, estruturando formas de pensar, sentir e atuar no mundo.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, com procedimentos bibliográficos e de campo. No que se refere à pesquisa bibliográfica, o levantamento teórico foi realizado por meio da consulta a diversas bases de dados acadêmicas, de forma a garantir amplitude e qualidade das fontes utilizadas. Foram

pesquisados artigos, livros, dissertações, teses e documentos oficiais disponíveis em plataformas como Google Acadêmico, SciELO, Periódicos ANPED, além de bibliotecas digitais de universidades. A busca ocorreu mediante o uso de descritores como música na educação infantil, ludicidade, aprendizagem lúdica, desenvolvimento infantil e práticas pedagógicas, possibilitando a seleção de materiais atuais e relevantes relacionados ao tema. De acordo com Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador construir um embasamento teórico consistente, articulando conceitos e autores que sustentam a análise do fenômeno investigado. Assim, a pesquisa bibliográfica, apoiada em autores que discutem música, ludicidade e desenvolvimento infantil, será combinada com a pesquisa de campo, que, segundo Minayo (2001), caracteriza-se pela imersão do pesquisador ao ambiente real onde as interações acontecem, possibilitando um olhar atento a cada atividade realizada.

A pesquisa de campo foi realizada em uma creche pública localizada na cidade de Vertentes - PE, em uma turma de criança com 5 anos de idade, fase em que as experiências musicais e lúdicas contribuem significativamente para o desenvolvimento da criança. Os sujeitos da pesquisa foram a professora responsável pela turma e as crianças participantes, sendo estas observadas no ambiente escolar durante as atividades já previstas no cotidiano pedagógico. Não houve intervenção direta com as crianças, preservando a rotina escolar e garantindo o caráter ético da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação e entrevista semi-estruturada. A observação foi registrada em diário de campo, onde foram anotadas as atividades que envolvem músicas e brincadeiras, observando também as expressões, comportamentos e interações das crianças. A entrevista semi-estruturada foi realizada com a professora da turma para compreender suas concepções sobre o uso da música, suas práticas pedagógicas e os desafios enfrentados no contexto da educação infantil. Segundo Minayo:

A entrevista semiestruturada é uma técnica que parte de algumas questões fundamentais, mas dá liberdade ao entrevistador para desenvolver novos questionamentos, a partir do discurso do entrevistado, permitindo uma maior compreensão de suas experiências e significados. (Minayo, p.62, 2014)

A organização e interpretação dos dados foram realizadas pela análise de conteúdo de Bardin (2016), que permite a categorização e interpretação sistemática dos registros e falas, possibilitando identificar sentidos, significados e práticas que emergem da relação entre música e ludicidade no contexto educativo. A análise foi orientada pelos fundamentos teóricos

apresentados, os quais reconhecem a música como uma linguagem estética, cultural e formativa e a ludicidade como eixo estruturante da infância.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados inicia-se com uma breve retomada das etapas desenvolvidas ao longo deste estudo. A pesquisa foi conduzida em uma creche pública com uma turma de crianças com cinco anos de idade, utilizando observação participante, registros sistemáticos em diário de campo e entrevista semiestruturada com a professora da turma. Esses materiais constituíram a base empírica da investigação e permitiram analisar de que maneira a música, integrada às práticas lúdicas observadas, contribuiu para o desenvolvimento cognitivo, social, motor e emocional das crianças, articulando-se aos referenciais teóricos contemporâneos sobre música, ludicidade e aprendizagem infantil. Após a coleta dos dados, procedeu-se à análise de conteúdo, conforme Bardin, possibilitando a identificação de categorias que revelam a presença constante da música como recurso pedagógico intencional e significativo.

Os dados do diário de campo evidenciaram que a música desempenhou papel importante na organização da rotina e no acolhimento das crianças. Diariamente, a professora iniciava as atividades com canções como “Bom dia”, conduzindo as crianças a cantar e executar gestos simples. A repetição da rotina musical contribuiu para que crianças inicialmente retraídas demonstrassem maior segurança emocional e disposição para participar das atividades subsequentes. Assim, a música se mostrou um instrumento estruturador da experiência infantil logo no início do dia, contribuindo para um ambiente afetivo e acolhedor, o que dialoga com o entendimento de Brito (2003) ao defender que a música sensibiliza e amplia as possibilidades expressivas da criança. Esse processo também confirma Penna (2013), ao considerar que práticas musicais favorecem a construção de vínculos e ajudam a criança a compreender a dinâmica da rotina escolar. A centralidade desse fenômeno pode ser observada na tabela a seguir.

Tabela 1 – Efeitos da música no momento de acolhimento

Aspectos observados	Evidência coletada	Interpretação teórica
Redução da timidez	Crianças inicialmente retraídas começaram a cantar junto após alguns minutos	Brito (2003) destaca que a música sensibiliza e encoraja a expressão

Participação maior	A maioria das crianças acompanhava os gestos da música	Penna (2013) afirma que a música amplia formas de participação cultural
Clima afetivo	Ambiente tranquilo e receptivo durante a chegada	BNCC (2019) considera a música experiência estética que acolhe e organiza a rotina

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ao longo das observações, percebeu-se também que a música favoreceu a socialização entre as crianças, pois atividades envolvendo cantigas, brincadeiras corporais e uso de instrumentos suscitaram interações espontâneas e mais colaborativas. Crianças tímidas ou que raramente se expressavam verbalmente passaram a se envolver mais durante canções coletivas, aproximando-se dos colegas, sorrindo, imitando movimentos ou oferecendo ajuda para o uso dos instrumentos. Esse avanço demonstra que a música atua como mediadora das relações sociais na infância, conforme defendido por Brougère (1998), para quem as práticas culturais, entre elas a música, constituem um campo de interação simbólica. Kishimoto (2017) também reforça que o brincar musical favorece a cooperação e a criação conjunta, fenômeno que se repetiu diversas vezes durante as atividades observadas, conforme demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 – Indicadores de socialização estimulados pela música

Comportamento observado	Frequência registrada	Comentário interpretativo
Interações espontâneas	Alta	Brougère (1998) afirma que práticas culturais como música geram vínculos simbólicos
Apoio entre pares	Média/Alta	Crianças ajudavam colegas com instrumentos ou gestos
Participação de tímidos	Alta	Kishimoto (2017) relaciona o brincar musical à expansão do comportamento social

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que se refere ao desenvolvimento motor, as atividades musicais observadas envolveram uma série de movimentos corporais coordenados com ritmo, como girar, bater palmas, pular ou imitar animais. As brincadeiras musicais do tipo “Congela” ou aquelas baseadas em histórias cantadas estimularam não apenas o movimento, mas também a

consciência corporal e o uso expressivo do corpo. Os resultados revelaram que a música funciona como um eixo estruturante das explorações motoras na Educação Infantil, confirmando as contribuições de Horn (2004), para quem o corpo constitui uma dimensão essencial no aprendizado infantil. Fortuna (2000) acrescenta que a expressão corporal emerge naturalmente quando a criança se envolve com músicas e histórias ritmadas, pois o corpo integra imaginação, simbolização e movimento, o que se materializou nos episódios registrados no diário de campo. Esses dados podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 3 – Habilidades motoras estimuladas pelas atividades musicais

Atividade	Habilidade motora vinculada	Base teórica
“Congela”	Controle motor e equilíbrio	Horn (2004) destaca o movimento como expressão na EI
“A Baratinha”	Expressão corporal e imaginação	Fortuna (2000) defende o corpo como parte da linguagem lúdica
Ritmos com palmas	Coordenação fina e percepção rítmica	Gainza (2002) enfatiza relação corpo-ritmo-expressão

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Além das dimensões motoras, os dados evidenciaram que a música também desempenhou papel relevante no desenvolvimento cognitivo das crianças. As canções que continham rimas, repetições e sequências numéricas favoreceram a memorização, a atenção e a capacidade de antecipar padrões. Durante músicas como “Os Dez Indiozinhos”, observou-se que as crianças acompanharam espontaneamente a sequência numérica, demonstrando compreensão da ordem lógica da contagem. Da mesma forma, canções rimadas contribuíram para a construção fonológica e para a memória verbal, conforme destacado por Vygotsky (1998), que relaciona práticas culturais à ampliação das funções psicológicas superiores. Piaget (1975) também aponta que a repetição de padrões sonoros contribui para o desenvolvimento simbólico, fenômeno evidente nas atividades observadas. Essa relação aparece sintetizada na Tabela 4.

Tabela 4 – Aspectos cognitivos mobilizados pela música

Processo cognitivo	Evidência coletada	Autor de suporte
---------------------------	---------------------------	-------------------------

Memória	Repetição espontânea de estrofes	Vygotsky (1998) destaca a música como ampliação de funções superiores
Atenção	Foco elevado em histórias musicadas	Piaget (1975) discute o papel do símbolo e da repetição
Sequenciação	Participação ativa em músicas numéricas	Penna (2013) reforça música como linguagem estruturante

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Outro elemento relevante identificado foi a criação musical realizada pelas próprias crianças. Durante momentos livres ou orientados, elas criavam ritmos utilizando instrumentos simples, como tambor, chocalhos e palmas, além de sons corporais. Esses momentos revelaram autonomia, imaginação e capacidade de decisão, pois as crianças escolhiam seus instrumentos e organizavam a sequência sonora que desejavam produzir. Esse dado sustenta as ideias de Vygotsky (2009), que associa a imaginação ao processo criativo, e de Gainza (2002), que compreende a música como experiência expressiva e autoral. Os registros demonstraram que mesmo crianças mais introspectivas se envolveram intensamente durante esses momentos, o que reforça as contribuições de Brito (2003), que entende a música como mediadora da expressão emocional. A Tabela 5 ilustra essas evidências.

Tabela 5 – Indicadores de autonomia observados

Evidência	Observação	Suporte teórico
Escolha de instrumentos	Crianças escolhiam livremente como participar	Vygotsky (2009) associa imaginação à criação autônoma
Criação de ritmos	Produção de sequências sonoras próprias	Gainza (2002) vê música como experiência criativa
Participação de introspectivos	Inclusão favorecida	Brito (2003) aponta música como mediadora da expressão emocional

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As observações também mostraram que a ludicidade esteve presente em todas as práticas musicais desenvolvidas ao longo da pesquisa. As propostas pedagógicas não se limitaram a utilizar a música como fundo sonoro ou momento de descontração, mas como eixo estruturante do brincar. As crianças participaram de brincadeiras que envolviam regras,

imaginação e cooperação, o que evidencia que a música estava intrinsecamente integrada às experiências lúdicas. Esse fenômeno confirma as contribuições de Kishimoto (2017), que compreende o brincar como linguagem central da infância, e de Brougère (1998), que destaca o caráter cultural da ludicidade e sua relação direta com práticas simbólicas como a música.

A relação entre música e emoção também apareceu de forma evidente. Durante um dos dias observados, a professora utilizou uma música calma após uma atividade mais intensa, o que resultou em uma redução imediata da agitação do grupo. As crianças se acomodaram no espaço, respiraram profundamente e reconstruíram o foco coletivo. O fenômeno mostra como a música atua como reguladora emocional, promovendo bem-estar e possibilitando a retomada das propostas pedagógicas de modo mais tranquilo. Essa dimensão afetiva da música é enfatizada por Brito (2003) e confirmada por pesquisas recentes, como Peixoto e Bertoncello (2024), que associam música a experiências de alegria, entusiasmo e estabilidade emocional.

Tabela 6 – Efeitos emocionais da música

Situação observada	Efeito registrado	Base teórica
Música calma	Crianças reduziram agitação e sentaram em roda	Brito (2003) ressalta o papel afetivo da música
Cantigas animadas	Expressão de alegria e bem-estar	Fortuna (2000) discute relação emoção-ludicidade
Rodas musicais	Aumento do entusiasmo	Peixoto & Bertoncello (2024) confirmam impacto emocional positivo

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As percepções da professora reforçaram o entendimento de que a música constitui uma linguagem natural da infância. Durante a entrevista, ela declarou que as crianças se envolvem com mais facilidade em propostas que integram música e movimento, demonstrando atenção e motivação. Para a docente, a música funciona como ponte entre o pedagógico e o afetivo, pois permite que os conteúdos escolares sejam apresentados de maneira mais fluida e coerente com a forma como as crianças aprendem. Essas percepções encontram respaldo teórico em Brito (2003), que defende a música como experiência integral, e na BNCC (2019), que a reconhece como linguagem essencial ao desenvolvimento infantil. A síntese dessas percepções pode ser visualizada na Tabela 7.

Tabela 7 – Síntese da percepção docente

Tema	Síntese da fala da professora	Relação teórica
Música como linguagem	“Criança se expressa cantando e se envolve mais”	Brito (2003) — música como linguagem integral
Importância pedagógica	“Aprendem brincando, sem perceber”	Penna (2013)
Preferência por cantigas nacionais	“É o repertório que elas conhecem”	Brougère (1998) – cultura infantil
Necessidade de mais música na EI	“A música deveria estar mais presente”	BNCC (2019)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ao articular teoria e prática, os resultados confirmam que a música atuou como mediadora do desenvolvimento integral das crianças, conforme sustentam Brito (2003), Penna (2013) e Gainza (2002). Cada categoria identificada na análise dos dados encontra correspondência direta com os referenciais teóricos apresentados ao longo do estudo. A ludicidade observada nas práticas confirma as contribuições de Kishimoto (2017), Brougère (1998) e Horn (2004). Já o desenvolvimento cognitivo, social, motor e afetivo observado nas atividades confirma os pressupostos da psicologia histórico-cultural de Vygotsky (1998; 2009), para quem a arte e a imaginação constituem instrumentos fundamentais do desenvolvimento infantil. Pesquisas contemporâneas, como as de Carvalho (2023) e Peixoto & Bertencello (2024), reforçam essa relação ao demonstrar que a integração entre música e práticas lúdicas potencializa aprendizagens.

Diante desses resultados, conclui-se que a música, integrada à ludicidade, constituiu uma linguagem estruturante no contexto de Educação Infantil investigado. As crianças demonstraram avanços claros em aspectos cognitivos, emocionais, sociais e motores, revelando que a música não apenas organiza a rotina e acolhe, mas também ensina, desenvolve e transforma a experiência infantil. A prática observada confirma que a música, quando utilizada com intencionalidade pedagógica, promove aprendizagens significativas e contribui para a formação integral da criança, respondendo de forma clara à pergunta que orientou esta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a contribuição da música no processo de aprendizagem lúdica na Educação Infantil, analisando suas implicações no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor das crianças. A pesquisa partiu do reconhecimento de que a música, enquanto linguagem estética e prática cultural, constitui elemento fundamental na constituição da infância e pode assumir papel central quando integrada ao brincar, à rotina escolar e às experiências pedagógicas. A investigação, fundamentada em observações sistemáticas, diário de campo e entrevista com a docente responsável pela turma, permitiu analisar, de maneira aprofundada, como a música se articula às práticas lúdicas e de que forma favorece a aprendizagem significativa.

Com base nos achados, verificou-se que a música, ao ser utilizada de maneira intencional e inserida no cotidiano da sala, contribuiu de modo direto para ampliar a participação das crianças, favorecer o acolhimento, estimular interações sociais, fortalecer vínculos e organizar a rotina. Ao longo da investigação, observou-se que as atividades musicais influenciaram também o comportamento e a regulação emocional, promovendo tranquilidade após momentos de maior agitação e oferecendo às crianças a oportunidade de expressar sentimentos e estados afetivos. Dessa forma, constatou-se que a música atuou como mediadora importante entre o pedagógico e o afetivo, possibilitando vivências mais sensíveis e integradoras.

Outro aspecto relevante identificado foi o favorecimento da autonomia e da criatividade por meio da criação musical. As crianças demonstraram iniciativa ao escolher instrumentos, produzir ritmos e participar de atividades coletivas, revelando que a música não apenas desperta expressões espontâneas, mas também possibilita a construção de sentidos próprios. Evidenciou-se que a música impulsionou o desenvolvimento cognitivo ao estimular atenção, memória, ritmo, sequências e relações numéricas, além de fortalecer o desenvolvimento motor ao integrar movimentos corporais, jogos rítmicos e exploração corporal imaginativa. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi plenamente alcançado, uma vez que foi possível analisar e evidenciar, com base em dados concretos, as múltiplas formas pelas quais a música contribui para o desenvolvimento e para a aprendizagem lúdica na Educação Infantil.

Ao refletir sobre os resultados obtidos, a hipótese inicial, de que a música, integrada ao brincar, favorece o desenvolvimento infantil de forma ampla, foi confirmada. Todos os dados coletados apontam para o fato de que as experiências musicais ampliam as possibilidades de

expressão, promovem envolvimento, despertam interesse e possibilitam que os conteúdos sejam assimilados de maneira natural e prazerosa. Foi possível perceber que a música não se restringe a um recurso complementar, mas se configura como linguagem estruturante da infância, articulada ao corpo, à emoção, ao pensamento e à interação social.

Ainda que os resultados tenham sido significativos, a pesquisa apresentou limitações inerentes à sua natureza e ao contexto em que foi desenvolvida. O estudo foi realizado em apenas uma turma, com número reduzido de participantes e em um período relativamente curto, o que limita a generalização dos achados. Além disso, as análises dependem do olhar da pesquisadora e da disponibilidade da professora, o que pode ter restringido a profundidade das observações. Outro ponto a considerar é que a rotina escolar, por vezes, sofreu interferências externas, dificultando a continuidade plena de algumas atividades planejadas, o que é comum em contextos educacionais reais. A ampliação temporal e a participação de mais profissionais poderiam ter enriquecido ainda mais a diversidade dos dados.

Apesar dessas limitações, o estudo permitiu compreender, de forma consistente, que a música, quando integrada de modo consciente e planejado ao cotidiano pedagógico, contribui significativamente para a formação integral das crianças. A articulação entre música e ludicidade mostrou-se potente ao promover aprendizagens profundas, fortalecer vínculos e ampliar o repertório expressivo e cultural da turma investigada. Diante dos resultados obtidos, reafirma-se a importância de que a Educação Infantil valorize práticas musicais sistematizadas, que respeitem o ritmo, os interesses e a individualidade das crianças, permitindo que elas aprendam de forma prazerosa, criativa e significativa.

Conclui-se, portanto, que a música representa uma ferramenta pedagógica indispensável na Educação Infantil, capaz de transformar práticas, enriquecer experiências e potencializar o desenvolvimento infantil. Ao integrar música e ludicidade, a escola cria oportunidades para que as crianças ampliem suas formas de pensar, sentir, comunicar e interagir com o mundo. Espera-se que este trabalho inspire educadores a reconhecerem a música como elemento fundamental da infância e a incorporarem-na, com intencionalidade, às práticas pedagógicas, contribuindo para uma educação mais humana, sensível e formadora.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L.; ARAÚJO, W. Inteligência artificial e transformação digital: impactos no mercado de trabalho. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 4, p. 1–15, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2019.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1998.

CARVALHO, Daiza Marina Borges. A utilização da música e da dança como recursos pedagógicos na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 2533-2547, maio 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10001>. Acesso em: 01 ago. 2025.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2009.

FORTUNA, Tânia Ramos. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Psicopedagogia musical: fundamentos, teorias e aplicações**. São Paulo: Summus, 2002.

HORN, Maria da Graça. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PEIXOTO, Ana Paula; BERTONCELLO, Jucieli. A música como ferramenta pedagógica na Educação Infantil. **Revista de Comunicação Científica – RCC**, v. 1, n. 14, p. 60-74, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/12070>. Acesso em: 01 ago. 2025.

PENNA, Maura. **Música na educação básica: desafios e possibilidades**. Porto Alegre: Penso, 2013.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

VYGOTSKY, Lev. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

THALIA NAYARA ALVES BARBOSA

**A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM LÚDICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade de artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (CAA), para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 15/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Jessica Priscila Garcia de Souza
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª Dra. Manuela Dias de Melo
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^º. Dr. Filipe Antonio Ferreira da Silva
(Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco